

ARON, Raymond. *Dezoito lições sobre a sociedade industrial*. Tradução de Sérgio Bath. Lisboa, Martins Fontes; Brasília, Universidade de Brasília, 1981. 274 p.

Sebastião Vila Nova

Do mesmo modo que "gostar de parecer jovem não é sinal de juventude", como acredita Raymond Aron, querer parecer moderno não significa necessariamente ser, de fato, moderno. E o próprio Aron é, às avessas, uma comprovação dessa hipótese: do jovem dissimulado pelo velho, do moderno oculto sob a aparência do antigo. Prova disto é o seu *Dezoito lições sobre a sociedade industrial*, que, em hora oportuna, acabam as editoras Martins Fontes e Universidade de Brasília de editar. Não é a primeira vez que este livro de Aron é publicado em língua portuguesa. Resultado de curso ministrado na Sorbonne sobre "Sociedade industrial e estratificação social", no ano letivo de 1955 – 1956, o livro de Aron foi editado pela primeira vez, na França, em 1962 e, pouco depois, publicado em português pela Editorial Presença, veio a se tornar uma das obras mais polêmicas da ciência social de uma época na qual industrialização e desenvolvimento eram quase sinônimos. O desencanto generalizado na ciência social contemporânea em relação à industrialização como condição necessária e suficiente do desenvolvimento pouco diminuiu o interesse das reflexões desse brilhante e erudito crítico da concepção marxista da sociedade. Do trabalho desse confesso e convicto weberiano talvez se possa dizer o mesmo que se tem afirmado a respeito da obra do autor de *Economia e sociedade*: que, afinal, não passa de um "diálogo" com Marx. Como quer que seja, mais do que pura crítica, o livro desse pensador para quem "é normal que os sociólogos sejam respeitadores dos costumes", (p. 13) é, hoje, ao lado da obra de Popper e, mais recentemente, de Kolakowski, exegese obrigatória das formulações de Karl Marx.

As dezoito lições estão distribuídas em duas partes – "Sociedade industrial e crescimento" e "Tipos de sociedade industrial e modelos de crescimento" –, antecedidas de uma "Introdução geral". Nesta, Aron define a sua postura metodológica e teleológica em relação à própria Sociologia como ciência; compara as preocupações e projeções de Marx com Tocqueville e Montesquieu e discute a noção de progresso. Nos seis capítulos que compreendem a primeira parte, estabelece as características da sociedade industrial, classifica os seus tipos e analisa a noção de crescimento. Através dos oito capítulos da segunda parte, estuda os modelos de crescimento dos tipos básicos de sociedade industrial e identifica os fatores do que denomina como "autodestruição do capitalismo", passando pela questão da tendência à socialização das economias européias.

Centrado na controvertida idéia da emergência de uma sociedade industrial economicamente homogênea e neutralizadora das diferenças na organização política e na fundamentação ideológica entre a sociedade capitalista ocidental e o socialismo de Estado da União Soviética, *Dezoito lições sobre a sociedade industrial* converge, na ciência social dos anos sessenta, para as mesmas conclusões às quais, paralelamente, com nuances de menor significado, chegaram Galbraith e Klark Kerr. Caracterizando a sociedade industrial pela radical separação entre a empresa e a família, por um modo novo de divisão do trabalho, pela acumulação de capital e pela preponderância do cálculo racional nas relações econômicas, (pp. 73-74) Aron acredita que os argumentos usualmente desferidos contra o capitalismo são, na sua maioria, aplicáveis "a todos os regimes econômicos modernos". (p. 101). Nesse sentido, embora declare não procurar "demonstrar que na sociedade capitalista não existe exploração da mão-de-obra", defende, no entanto, a idéia de que "a sociedade capitalista não implica, intrinsecamente, tal exploração" (p. 89) e que o espírito de lucro não é característica exclusiva do sistema capitalista, porém constitui imposição necessária à manutenção e ao desenvolvimento das modernas sociedades industriais, capitalistas ou planificadas. Por outro lado, aproximando os dois tipos de sociedade industrial, "a partir de um certo nível dos rendimentos a motivação do lucro tem um papel cada vez menor" (p. 90). Enfim, para Aron parece inevitável que "à medida que ocorre o crescimento, uma economia do tipo ocidental precisa absorver certos elementos ditos socialistas", enquanto "uma economia do estilo soviético precisa absorver certos elementos ditos capitalistas" (p. 216).

Se, no entanto, "a insuficiência do poder aquisitivo que se cria à medida que ocorre o crescimento econômico, devido a uma distribuição cada vez mais desigual da renda; e a insuficiência dos investimentos (. . .)", aliadas à "autodestruição progressiva da propriedade privada e da concorrência" (p. 203) conduzirão o capitalismo à sua inevitável autodestruição, é projeção que a Sociologia não tem condições, com os dados hoje disponíveis, de asseverar de modo inequívoco, pois, como admite, o próprio Aron, "toda previsão histórica deve levar em conta aquilo que é chamado a *pluralidade das determinações* e a *possibilidade das coincidências e dos acidentes*" (os grifos são do Autor), e "felizmente, para o nosso bem ou para o nosso mal (. . .) não podemos prever o futuro" (p. 271). Mas como nem só de verificação empírica tem se nutrido a Sociologia, a especulação de Aron, no mais puro e tradicional estilo da Sociologia européia, continua heurísticamente válida e, por certo, há de contribuir, através desta oportuna edição, para o debate no domínio das ciências sociais no Brasil.